

SIMÃO TOKO E A EDUCAÇÃO DEMOCRATIZADORA: SEU PROJETO SOBRE ESCOLA QUE FUNCIONA COMO LABORATÓRIO DE CONSTRUÇÃO DA DEMOCRACIA EM ANGOLA DE 1938 A 1975

CHIQUITO AFONSO FERNANDO DOMINGOS¹

Resumo

Nesta pesquisa objetivou-se analisar até que ponto a ideia educativa de Simão Toko postula a escola que funciona como laboratório da Democracia em Angola de 1938 a 1975. Contudo, recorreu-se ao método bibliográfico e inquérito. Ademais, os resultados concluem que Simão Gonçalves Toko, é defensor de uma pedagogia democrática, que sugere escolas que criadoras de sociedades e líderes que respeitam o pluralismo de expressão, as igualdades, as garantias e direitos fundamentais dos cidadãos, banindo atitudes de personificação da colonização.

Palavras-Chaves: Simão Toko; Pedagogia da opressão; Educação democrática; emancipação.

Abstract

This research aimed to analyze the extent to which Simão Toko's educational idea postulates the school functioning as a laboratory of Democracy in Angola from 1938 to 1975. However, the bibliographic and survey method was used. Furthermore, the results conclude that Simão Gonçalves Toko is a defender of a democratic pedagogy, which suggests schools that create societies and leaders that respect pluralism of expression, equalities, guarantees and fundamental rights of citizens, banning attitudes that embody colonization.

Keywords: Simão Toko; Pedagogy of oppression; Democratic education; emancipation.

¹ Escola Superior Pedagógica do Cuanza-Norte.

1. Introdução

Nesta pesquisa debruçou-se sobre Simão Toko e a educação democratizadora, sobretudo, analisando o seu projeto sobre a escola que funciona como laboratório da Construção da Democracia, em Angola, durante o período que compreende 1938 a 1975. Entretanto, importa salientar que Simão Gonçalves Toko, na sua dimensão política e pedagógica, propôs a instituição de uma escola que servisse de modelo e fomento de sociedades e lideranças democráticas.

É de realçar que Toko tinha noção que perante o Salazarismo, somente uma luta pelas escolas democráticas poderiam criar cidadãos verdadeiramente livres e participativos. Nisto corrobora-se com Freitas (2011) quando afirma que “o primeiro passo para a produção de cidadãos participativos é a instituição da democracia na escola”. Por isso, Toko, percebeu que o contrário, seria a perpetuação da domesticação do indivíduo, nutrindo-lhe o medo de lutar pela liberdade e o pluralismo de expressão, numa sociedade cujas escolas seculares e religiosas, dentro e fora da metrópole, serviam como instrumentos de manutenção do regime dominante - o Salazarismo.

Quando Simão Toko levantou-se “em 1938 para exigir que as escolas coloniais dessem indiscriminadamente abertura aos pretos e que os níveis elevados de escolaridade não fossem somente para os brancos - ricos” (DOMINGOS, 2007), enquanto professor, estava a dar luzes para a instituição do seu projeto de educação democratizadora, na qual, a escola seria um laboratório de construção da liberdade e antidoto para a neutralização da opressão e do ódio.

No entanto, se quando a “educação não liberta, o sonho do oprimido é de ser igual ao opressor” (FREIRE, 1970), entende-se que Simão Toko, não apenas estava lutando contra o Colonialismo e seu sistema educativo, mas procurando promover uma educação que descongestiona no cérebro do oprimido - preto, o espírito semelhante a do opressor - de oprimir, tendo em conta a construção de uma sociedade plural, igualitária e eximida do ódio, antevendo uma África independente, onde o cidadão materialmente liberto, não revelasse um ímpeto vingador e de opressor interno, porque quem se vinga sofre o dobro e a vingança desnorteia o líder dos horizontes do desenvolvimento, inibindo o diálogo e a reconciliação.

Entretanto, pelo fato de o colono não ter entendido a posição e o projeto de Toko, as independências foram violentas, porque os oprimidos sendo produtos de uma escola colonial da marginalização dos indígenas, tornaram-se vingadores, reagindo a violência do opressor - colono, pois, terão com eles aprendido a ser violentos.

Doravante, este ímpeto opressor deu-se internamente, porque muitos libertadores se tornaram em novos opressores dos seus irmãos, pois, se materialmente estavam libertos,

espiritualmente - cerebralmente não. Logo, revestiram-se das alparcas do colonizador - o espírito opressor, imitando seus antigos senhores e professores, agindo com violência contra aqueles que ousassem criticar e questionar suas atitudes enquanto líderes.

Não tencionamos com isto, tornar absoluta a ideia de que as escolas em ambientes de opressão, criam totalmente uma sociedade opressora, porque existiram na história casos excepcionais, como é Mahatma Gandhi (1869-1948), Simão Toko (1918-1983), Nelson Mandela (1918-2013) e outros. Mas ainda assim, mesmo com casos excepcionais, a pedagogia da opressão cria uma sociedade rude, por acúmulo do ódio, e qualquer oportunidade dos oprimidos para devastar o opressor, vingam-se violentamente da opressão, como sinal de reprodução da educação que receberam de quem os oprimia.

De igual modo, se um país democrático está alicerçado, também, “[...] na unidade nacional, o pluralismo de expressão, [...] na promoção e defesa dos direitos e liberdades fundamentais do Homem [...]” (ANGOLA, 2010, p.4), é preciso perceber que Simão Toko, já naquela época, entendia que estes princípios só seriam concretizados com escolas democratizadoras que proporcionam aos seus cidadãos - alunos e futuros líderes uma consciência crítica, liberal e de respeito pela dignidade da pessoa humana, o que originaria na verdade um comportamento democrático na sociedade.

Por isso, em 1942, enquanto professor da Escola Missionária Baptista do Bembe, vendo-se submetido a um salário injusto, propôs o projeto que melhorasse a remuneração dos funcionários negros das escolas da missão e “tendo sido negado partiu para greve” (FERREIRA, 2012) e posterior abandono do emprego, porque entendeu que as missões estavam em Angola satisfazendo também os interesses da opressão colonial e não de libertação das consciências.

Entretanto, em Angola, nada se fala acerca do papel do Simão Gonçalves Toko na construção de uma educação democrática, que serve de modelo e laboratório de formação de uma sociedade e líderes democráticos. De igual modo, não se tem olhado para o passado de Angola de maneira que se perceba que houve um líder religioso como Toko, cuja visão transcende a religião, a fim de entendê-lo politicamente na perspectiva pedagógica.

Por isso, a luz da situação levantada, determinou-se a seguinte pergunta de partida: até que ponto a ideia educativa de Simão Toko postula a escola que funciona como laboratório de construção da Democracia entre 1938 a 1975? Ademais, estabeleceu-se como objetivo geral “analisar até que ponto a ideia educativa de Simão Toko postula a escola que funciona como laboratório de construção da Democracia em Angola de 1938 a 1975. Por conseguinte, formulamos os seguintes objetivos específicos que vão particularmente responder a questão central: “explicitar as características da pedagogia democrática de Simão Gonçalves Toko

postulado entre 1938 a 1975 em Angola”; “aferir as consequências da rejeição da ideia educativa de Simão Toko sobre a instituição de uma escola que funciona como laboratório de construção da Democracia entre 1938 a 1975 em Angola”.

Outrossim, a presente pesquisa é relevante, porque permitirá a sociedade valorizar o papel do Simão Toko na construção de uma educação democratizadora, bem como, compreendê-lo enquanto figura de dimensão pedagógica. De igual modo, permitirá a sociedade compreender as razões de muitas das escolas africanas não serem democráticas e nem democratizadoras, mesmo estando nos países cujas constituições são democráticas.

1.1. Metodologia

Quanto ao objetivo, a pesquisa é analítica, porque se cingiu análise do papel de Simão Gonçalves Toko na postulação de uma escola que serve de fábrica de construção da democratização. Outrossim, para preconização do referido estudo, foi necessário o método bibliográfico pois, “recorreu-se às contribuições de diversos autores sobre o assunto” (LAKATOS; MARCONI, 2001, apud., OLIVEIRA, 2011, p.19), com um foco especial para livros e artigos, que serviram de subsídios de capital importância no presente estudo.

Entretanto, quanto a natureza a presente pesquisa é mista (qualitativa e quantitativa), porque além de “se emitir uma opinião sobre o problema em estudo e recorrer a descrição, coletou-se dados que facilitaram a quantificação dos resultados” (PEREIRA, 2018, p. 67-69), em consonância da amostra selecionada, com enfoque a questão sobre Simão Toko e o seu projeto inerente a instituição de escolas que funcionam como laboratório da Construção da Democracia, de 1938 a 1975.

Ademais, em busca de resultados no meio pedagógico, utilizou-se o inquérito por meio do questionário, para aferir o grau de domínio dos estudantes sobre Simão Toko e a escola democratizadora, tendo-se dividido o mesmo em duas questões: a primeira é inerente as características da pedagogia democrática de Simão Toko e a segunda, refere-se se refere as consequências da rejeição da ideia educativa de Simão Toko sobre a instituição de uma escola que funciona como laboratório de construção da Democracia entre 1938 a 1975 em África

No entanto, a pesquisa em carteira, serve-se de uma população de 100 elementos, como uma amostra de 62 indivíduos do 3º e 4º do Curso de Ensino da História, afetos à Escola Superior Pedagógica do Cuanza-Norte, compreendendo igualmente a 62% do tamanho da amostra. Outrossim, os inqueridos estão entre os 25 e 45 anos de idade.

2. Contextualização da postulação de Simão Gonçalves Toko sobre a educação democrática

2.1. Simão Toko e sua proposta sobre escola-laboratório da democracia

No início de 1938, Simão Gonçalves Toko, no exercício da sua atividade docente, precisamente no Bembe (Uige), percebeu que a educação, quer nas escolas missionárias, quanto nas escolas seculares, serviam de instrumentos para manutenção da ideologia Salazarista - Colonialista, inibindo os pretos no acesso a uma formação democrática, que assente no respeito pelas liberdades ou dignidade de todo homem.

Nesta fase, as escolas enquanto oficinas de controlo e manutenção da opressão - Colonialismo, em muitas regiões os pretos não poderiam ter um nível acima da terceira ou 4ª classe, matando-se ao preto a liberdade de evoluir academicamente e do direito de acesso aos níveis privilegiados de ensino, pois, acima disso, era reservados para brancos e alguns assimilados [munidos de influência na sociedade branca], o que terá chocado Toko e, nisto, fê-lo sugerir às autoridades que permitissem os pretos de aceder aos níveis mais alto de ensino no país [desde a 4ª classe, estudos liceais ao superior].

Sua proposta formava a base da escola inclusiva, emancipadora, igualitária e fraterna, que na prática, pode ser uma fábrica da construção da consciência democrática, onde o respeito pelos direitos humanos torna-se uma realidade. De igual modo, Simão Toko, também sabia que o seu projeto de educação democrática seria difícil, porque a legitimação da colonização, estava também assente no currículo pobre para os pretos, no qual, os conteúdos espelhavam os interesses do poder colonial. Entretanto, tais interesses eram concretizados e sistematizados por meio das escolas seculares e religiosas - católicas e protestantes, cuja responsabilidade era de produzir uma classe de submissos - oprimidos e meras máquinas de trabalho ao serviço do colono - a classe dos indígenas.

No entanto, educar para trabalhar não é problema, porque é um dos maiores objetivos de um sistema educativo, uma vez que, “os currículos devem preparar profissionais para o mercado de trabalho. O elo entre a educação e produção é crucial: se a economia vai mal é porque não há pessoas educadas” (CUNHA; LEITE, 1996, p. 17), porém, o problema é fazer recurso a educação para produção de classe marginalizada, discriminada e coisificada, que por meio do poder ideológico é controlado e oprimido, tal como acontecia com os pretos na época.

É nesta vertente que reside a revolução e o projeto de Toko para a educação da época. O seu projeto reformador e emancipador é tão relevante que não liberta apenas o preto da opressão e marginalização, mas também o colono da sua veia opressora e de todo sistema curricular amaranhado de conteúdos pobres que inibem a reflexão, emancipação

e o desenvolvimento intelectual do cidadão pobre.

Outrossim, neste projeto, os missionários depois de analisado o contexto e contactado as autoridades, aceitaram no caderno de protesto de Toko, “aumentar apenas a 4ª classe para os pretos” (DOMINGOS, opi. Cit., p. 17), no Bembe (Uíge), porque a educação na época atendia aos caprichos da Colonização, na qual, a opressão e a construção de uma consciência de “ser inferior dirigida ao preto fosse um meio sistemático de manutenção do poder colonial” (DOMINGOS, 2023, p. 14).

Toko, estava insatisfeito, porque além dele, na missão não havia pretos com ilustração suficiente para contribuir na construção de uma escola democrática, pois, a educação disponibilizada nas colónias atendiam o espírito da ideologia salazarista, que se consolidava por meio da opressão. Por isso, via nas escolas da missão, onde exercia a docência, uma oportunidade para concretização do seu projeto de escola onde as salas de aulas servem de espaços de debates democráticos e constroem a consciência livre e democratizadora.

Outrossim, o projeto de Toko não se limitava na busca pela 4ª classe, mas liceais e superiores. Ademais, os missionários, diziam para Simão Toko parar com o seu projeto de educação emancipadora, porque “bastava um preto como ele ilustrado e que os restantes continuassem no obscurantismo” (FERREIRA, opi.cit., p. 23). Assim sendo, os missionários contrariavam os meandros de Toko sobre uma educação estimuladora de inovação, espírito crítico e de rejeição da opressão - educação democrática.

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe (PIAGETH, 1970, apud., PASCUAL 1999; ROCHA, 2023).

Neste sentido, a reação dos missionários ao projeto de uma educação democrática de Toko, demonstrou conivência ao projeto de educação colonial da opressão, porque entende-se na postura demonstrada, que até as escolas religiosas eram fábricas de extinção de uma tendência pedagógica democratizadora, submetendo-se aos caprichos da doutrina e do poder colonial.

Entretanto, a reação contra a tentativa de construção de uma escola que atende os princípios da democracia, norteadas no projeto de Simão Toko, demonstra a dissonância entre o que os próprios missionários deveriam ensinar e consta na bíblia, sobre o “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (BIBLIA, 2014, p. 1865, grifo nosso) e o que eles faziam, revelando um alto nível de compromisso da Igreja com a opressão, porque a democracia é uma das fontes maiores da liberdade e, pensamos nós que proposta de Simão Toko, estava

até colocar em prática esse princípio orientador do próprio Cristianismo.

Entretanto, de acordo Pessoa (1999, p. 153) citado por Rocha (opi. Cit., p. 12) “a escola deve ser um espaço de iniciação às práticas de cooperação e de solidariedade de uma vida democrática, em contraponto à escola tradicional apenas “transmissora de conhecimentos inquestionáveis”, entendemos que Simão Toko, tinha noção que tanto nas escolas seculares, quanto nas escolas religiosas, o projeto educativo era eivado de imposição por não admitir debate, crítica e questionamento dos alunos e da comunidade, tornando-se em espaços anti - democrático e indústrias de produção de “conformados com a condição de oprimidos”². No entanto, a resistência de Toko contra a educação opressora e discriminadora, veio a ser convencionalizada nos termos artigo 26º da DUDH, cujo teor se segue:

Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito. 2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz. [...] (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948, p. 17).

Outrossim, o projeto de Toko para uma educação democrática, igualitária e inclusiva não olha para raças, origem, naturalidade, cores, étnicas e crenças religiosas, porque revela um pendor de combate as assimetrias, para manutenção da coesão social, unidade e indiscriminação.

2.2. A congregação das tribos e etnias de Angola: o reflexo dos efeitos da educação democrática de Toko

A educação democrática une as pessoas mesmo nas suas mais profundas diferenças, e faz destas diferenças um elemento de unidade dialógica, tornando a sociedade mais coesa e solidificada. Por isso, quando em 1938 a 1942, Toko propôs este tipo de educação não era apenas para libertar o preto da opressão, mas também, o branco - colono, do desejo exacerbado de oprimir, por meio do respeito indiscriminado das diferenças entre as pessoas na sociedade, seja branco, amarelo, preto, mulato, albino ou mestiço.

Entretanto, como não era lhe dado legalmente espaço para concretização do seu projeto, além de várias atividades, em 1973, Toko organizou dentro do seu movimento - Tokoísmo, 2 Aqueles que mesmo sentindo a dor da opressão e a condição de escravo a ele inerente, não ousa em discutir sua situação e nem reagi contra a opressão, senão apenas aceitar e com medo de retaliação vinda do opressor, se submeter perpetuamente a escravidão, por carecer de conscientização ou educação democratizadora.

as 12 tribos que representam etnicamente o mosaico cultural e linguístico angolano, dentre os quais, destacaram-se: “tribo norte - que no domínio Bantu corresponde ao grupo étnico Bakongo, que fala Kikongo; Tribo Tchokwe, que fala a língua Tchokwe; Sulana, que compreende a região centro e Sul de Angola e, nela estão representados etnicamente, os Ovimbundu, que falam ubundu, os Ovambo que falam Oshikwanhama, os Nyaneka-Humbi que fala Nyaneka, Os Nganguelas que fala Nganguela e outros; a tribo de Luanda, Malanje, Cuanza-Norte, que falam a língua Kimbundu” (NUNES, 2018, p. 201) e outros.

No entanto, cada uma das tribos apresenta seus hábitos e costumes, porém, Simão Toko fez destas diferenças um fator de unidade, por meio de uma educação democrática que ao invés de excluir, busca nas diferenças a inclusão e integração dos diferentes grupos, rumo a democratização da sociedade angolana. Outrossim, essa organização só foi possível, porque seus integrantes da linha da frente foram educados na escola democrática instituída por Toko no seu movimento.

De igual modo, importa salientar que Toko é humanamente da etnia Bakongo, mas não fez da sua origem étnica um fator de dominação de outras tribos ou etnias, pelo contrário, deu-lhes vitalidade e abertura igual a que ele mesmo daria a sua tribo ou etnia, porque compreendia que impor os valores de uma tribo a outra seria fazer igual ao que o colono fazia - lusitanizar para destruir a originalidade dos nativos - epistemicídio.

Por isso, na qualidade de guardião da identidade africana, fez da sua escola democrática, um veículo de democratização da sociedade, por meio da conscientização dos homens que seriam no futuro, responsáveis por relações sociais que fomentam o equilíbrio cultural e a garantia da integração de todos angolanos.

Neste sentido, entende-se que Toko não pretendia fazer do branco objeto de canalização de ódio, mas olhá-los como seres dotados virtudes e defeitos, pessoas que aprenderam a odiar o negro, mas que, com uma educação democrática e integradora, seria capaz de aprender a amar ao negro tal como se ama a si mesmo. No entanto, o regime salazarista, aliados as missões cristãs, acharam aquele projeto era uma oportunidade para o negro se libertar e vingar o branco, quando não era este o cerne, porque a revolta violenta dos pretos nem foi por causa de uma mente verdadeiramente libertada, mas devido a dimensão da violência do opressor - colono e, como mecanismo de defesa a gravidade da ação violenta do opressor, a resposta do oprimido foi proporcional.

Na década de 1940 a 1970, Toko teve sempre como recurso de defesa dos direitos dos oprimidos, os “meios não violentos”, porque nunca quis ser igual ao opressor, mas despertar e libertar cedo, também, o opressor da sua consciência bárbara e predadora de oprimir os que lutam pela sobrevivência.

Toko, manteve intacto o respeito pelas tribos e identidade de cada um dos membros do seu movimento - Tokoísmo, porque é um líder detentor do projeto sobre uma escola democrática. Um dos exemplos a anotar foi que em 1975, num ambiente de guerra civil angolana, alguns dos seus adeptos questionaram-no se não podem aderir os partidos políticos e ele simplesmente disse: “quando for possível cada um de vocês me apresentar cartão de filiação aos três movimentos, eu permitirei” (IGREJA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO NO MUNDO, Opi. Cit., s.p.).

Entretanto, não é possível um cidadão filiar-se em mais de um partido político simultaneamente que lutam pelo poder, por isso, Toko queria dizer que quando os partidos políticos se entenderem, dialogarem e não dividirem militar, ideológica e tribalmente o país, um crente pode se filiar ao partido que quiser.

Contudo, negou-lhes porque a guerra civil angolana tinha características impróprias, pois, além de ser uma luta ideológica e pelo poder - contexto da guerra fria, estava assente no tribalismo, na qual, o MPLA, tinha apoio dos Ambundu, a UNITA, dos Ovimbundu e a FNLA tinha apoio dos Bakongo. Esta situação, não só dividia os partidos, mas os angolanos e, Simão Toko vendo a sua igreja uma composição de várias tribos que convivem pacificamente mesmo na diferença, percebeu que esta guerra dividiria Angola e o Tokoísmo.

Outrossim, sendo que o seu movimento era um espaço de democratização, não admitiria a integração dos seus fiéis aos partidos de compatriotas em guerra absurda, porque além da guerra opor e matar compatriotas, sabia que no futuro, o Tokoísmo seria a maior reserva moral do Estado angolano e um fator de unidade democrática, mesmo com o luto e as feridas deixadas pela referida guerra.

2.3. A ascensão de líderes antidemocráticos no pós- independência em África: será reflexo das escolas opressoras do colono?

Entretanto, o projeto de educação democrática de Simão Toko, começou em Angola, onde foi rejeitado em 1942, e expandiu-se no Kongo, onde, também foi rejeitado, mas conseguiu silenciosamente praticá-la, por meio da criação de programas de ensino aos seus compatriotas sediados nas terras de Leopoldville, até que quando descoberto, foi preso pelas autoridades belgas em 1949 e expulso. Por conseguinte, terá sido entregue as autoridades portuguesas de Angola que o reprimiram até a exaustão, por constituir, na óptica colonial, um perigo a colonização dos pretos, porque sua educação conscientizava e libertava as mentes.

Neste sentido, as escolas coloniais continuaram a ser fábricas de produção da opressão e da exclusão, onde os lugares privilegiados eram reservados aos brancos alinhados

diretamente ao colono e, ao preto era recomendado uma educação pobre que inibe o desenvolvimento intelectual e as capacidades de profundo raciocínio lógico, bloqueando a iniciativa de educação democrática de Simão Toko.

Outrossim, até mesmos nacionalistas de dentro e fora de Angola, ouvindo e conhecendo a proposta do tipo de educação que Toko pretendia para África, ficaram silenciosos e preferiram dar primazia ao que lhes foi transmitido pelo colono. Por isso, muitos deles ao tomarem o poder no pós-independência, em África, se tornaram iguais ou até piores que o colono, instaurando regimes opressores e oprimindo seus povos. Nisto, percebe-se, porque quando a educação não liberta, o oprimido procura imitar o opressor em toda sua maneira de ser e fazer, para satisfazer seu desejo de vingança.

Por exemplo, no Uganda, Idin Amin Dada, a partir de 1971, se tornou o novo colono ou pior que o colono do seu próprio povo. No entanto, a Amin Dada, instituiu o terror no seu país, o povo gemia e morria como se fossem quaisquer objetos. Nisto, entende-se que Amin seja produto de educação agressiva do contexto formal e informal da colonização, pese embora, seu caráter vai além dos inputs que recebeu do Colonialismo.

Segundo Leopold (2009, p. 252) o “genocídio não é o vocábulo que cabe ao regime de Amin Dada, porque seus atos foram tão chocantes que ultrapassam esta esfera verbal, pois, matou de forma selvagem gentes para proteger o seu poder”. Neste sentido, por meio do seu instinto violento, usou o seu aparelho militar e policial, para assassinar pessoas que em busca pela dignidade tiveram o azar de atravessarem o seu caminho, o caminho da morte.

Ademais, no Congo (Zaire na altura), a história registou a ditadura de Mabutu Sesse Sekou, um congolês, cuja a educação deu-se num ambiente colonial belga de bastante opressão, o que fez dele um ser também opressor. Seu ímpeto violento começa a se visibilizar em 1961, quando “com ajuda da CIA e da Bélgica, deu um golpe ao governo Congolês, chefiado pelo Patrice Lumumba” (MASONGELE, 2016) e, como se não bastasse, açoitaram e entregaram Lumumba e seus companheiros ao radical Moisés Tchombe que os terá assassinado” (RIBEIRO, 2018).

Os Belgas, dentro e fora das escolas, foram os “responsáveis pelos enormes sofrimentos dos congolese[...]” (MARGARIDO, 1974, p. 6), o que na prática, relativamente faria nascer no seio dos oprimidos, muitos líderes com desejo de vingança, porque não foram submetidos a uma educação democrática e plural, que vela pelo respeito da dignidade humana, tal como postulou Simão Gonçalves Toko, enquanto líder da liberdade e professor de 1938 a 1960.

Mobutu se comportava como proprietário do Zaire, tanto que, os cidadãos o consideravam

“igual a Luís XIV, da França que dizia “État c’est moi”, que significa “Estado sou eu”, por isso, para os oponentes do seu regime Mabutu era o senhor absoluto do Zaire. “Le Zaire c’est moi” (MASONGELE, opi. Cit., p. 35). Apesar de tudo, como nenhum ditador sai do poder senão a força, foi deposto por rebeldes chefiados por Laurent Kabila, que tomaram o poder e encerraram como ciclo de Mabutu, aos 16 de maio de 1997.

No entanto, será que se o colono não fosse violento na sua forma de lidar com o preto, não teríamos um outro Amin e Mabutu? Igualmente, será que se a educação colonial fosse inclusiva, liberal e indiscriminada, África teria tanta opressão após a descolonização? Na nossa opinião pode se dizer que não, porque ninguém nasce com ódio do outro ou com predisposição para vingança, pois, normalmente esses comportamentos adquirem-se na sociedade e na família. Por isso, se recebessem uma educação digna e humanizadora, seriam, igualmente humanos e capazes de respeitar a dignidade dos seus povos.

Em Angola, após a instauração do monopartidarismo em 1975, pelo MPLA, e face a oposição de várias franjas sociais, o governo sistematizou um projeto educativo antidemocrático, para atender aos novos desafios, que passavam pela legitimação popular do Socialismo, fazendo das escolas espaços de reprodução da pedagogia da opressão.

Neste contexto, instituiu-se a Organização do Pioneiro Angolano (OPA), que existia dentro do partido muito antes da independência, passando a ser projetada nas escolas públicas para com os alunos, não apenas para produção de súbditos, legitimar o Socialismo ou defender o MPLA, mas fazer germinar nela os seus futuros líderes - baluartes.

Durante a luta anticolonial (1961-1975) o Movimento pela Libertação de Angola (MPLA) organizou escolas nas zonas libertadas, com o intuito de alfabetizar, formar novos combatentes e quadros que pudessem assumir postos em um futuro governo independente. Marcados pela precariedade devido à guerra e à escassez de recursos materiais e humanos, esses núcleos de ensino, no entanto, foram pioneiros em disseminar no universo escolar, diretrizes pedagógicas em consonância com os princípios do MPLA, constituindo-se no embrião das políticas educacionais instituídas pelo governo no pós-independência (ARRUADA, 2020, p. 197).

Este modelo de escola, trouxe uma pedagogia que no pós-independência, serviu de alavanca patriótica de defesa do pensamento do partido. Nas escolas e na OPA, aprendia-se um patriotismo alicerçado na defesa do Estado, mas um Estado - Partido, e um Partido - Estado, contra toda ideologia oposta ao Socialismo, como foi o caso do Capitalismo ou Democracia da UNITA e FNLA.

Ademais, começou-se a construir educativamente uma narrativa de aversão contra a oposição. Por exemplo, dizer que “a UNITA, são terroristas e possuem caudas muito compridas e a FNLA, comem carne de pessoas”, eram expressões da educação norteadora

da época por conta do regime. Este tipo educação transparece a exclusão e fomenta o ódio, provocando repulsas e, possibilidades de vinganças, aquém se sente excluído e marginalizado. Contudo, esta situação se não for substituída por uma educação inclusiva, integradora e democratizadora, pode construir uma sociedade de guerra e retaliação. Por isso, tivemos conflitos que duraram décadas para terminar, por conta da pedagogia que imperava na época.

3. Análise e discussão de resultados

3.1. Características da pedagogia democrática de Simão Gonçalves Toko entre 1938 a 1975 em Angola

No que concerne a esta questão, dos 62 estudantes do 3º e 4º de Ensino da História inqueridos, 52, apontaram para as opções “emancipadora, inclusiva, igualitária e fraterna”, como sendo as características da pedagogia democratizadora de Simão Gonçalves Toko, perfazendo uma percentagem de 83,8%, de respostas corretas.

Ademais, 10 dos inqueridos, assinalaram incorretamente para as opções “opressora”, “discriminadora” e “Repressora”, totalizando, 16,1%, das respostas, conforme o gráfico que se segue:

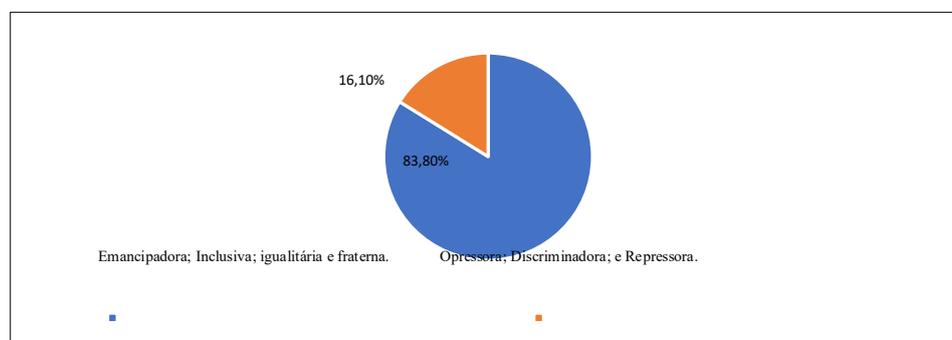


Gráfico 1: Percentagem da resposta sobre a caracterização da Pedagogia de Simão Toko

Fonte: o autor, 2024.

Entretanto, os resultados desta questão são satisfatórios, sobretudo, a resposta dos 83,8% dos inqueridos, a medida que Simão Toko, sendo defensor de uma educação democrática, os seus fundamentos estavam voltados para “emancipação”, por meio da instituição de uma escola que sirva de fábrica de conscientização e libertação dos oprimidos - durante o período salazarista e independente em Angola. Neste sentido, entende-se que na pedagogia emancipadora de Toko, residia a formação de um cidadão que desperta da escravidão, para lutar e construir sua própria liberdade.

Por outro, a adoção da pedagogia democrática, além de produzir líderes e cidadãos que combatem qualquer tendência de opressão e ódio, libertaria o próprio opressor do seu desejo desmedido de oprimir, porque na reação dialógica e reconciliadora do oprimido com o seu antigo opressor, estaria o despertar de um novo ser liberto na alma de quem oprimi.

A emancipação na pedagogia democrática de Simão Toko, significa libertação mental, na qual, há uma transição da consciência oprimida e de repulsa contra o opressor, para a consciência dialógica, reconciliadora e crítica, sem a manifestação do sentimento de retaliação ao antigo opressor, do qual, o oprimido se livrou. O que significa dizer, que os oprimidos que depois da vitória sobre o opressor, se vingam pela mesma espada, não se libertaram mentalmente, porque são uma nova ou evoluída versão do opressor - protagonistas da perpetuação da violência.

Dali, que Freire (1970) citado por Domingos (opi. Cit., p. 27), a firma que quando a “educação não liberta o sonho do oprimido é ser igual ao opressor”. Neste sentido, longe de ser uma fantasia, percebemos que em África, muitos governos no pós-independência tornaram-se radicais, oprimindo seus povos, tal como o colono fazia, porque a educação colonial não os terá libertado mentalmente para agirem acertadamente por meio da lição que o passado da escravatura deixou.

Com base nestes resultados, podemos ter como exemplos, da Angola, Kongo e Uganda, que depois da independência os governos se transformaram em novos aparelhos de repressão, a qualquer tentativa de oposição a sua doutrina. O que significa, que a luta material pela libertação, em África foi meramente extrínseca, porque muitos dos que resistiram, sobretudo, os líderes, careciam de uma libertação espiritual ou mental - intrínseca, que é sempre resultado de uma educação forte e emancipadora. Contudo, foi perceptível que personificaram ou encarnaram a alma dos seus antigos detratores, reprimindo até aqueles que os terão auxiliado na luta pela libertação do país.

De igual modo, corroboramos com os 83,8% dos inqueridos quando apontam que a pedagogia de Simão Toko é “inclusiva”, porque propõem uma educação não só integradora, mas que permite a coabitação entre pretos e brancos, bem como, defende que os pretos e brancos, devem ter direitos aos mesmos níveis de ensino e partilhar mesmos espaços sociais, convergindo com o que defende Ferreira (opi. Cit., p. 23), ao afirmar que “Toko pretendia no seu projeto, assim como eram os brancos, ver os pretos a estudarem sem nenhum entrave a frequentarem os estudos liceais”, de maneira que se reduzissem os níveis exacerbados de discriminação social a que os pretos estavam sujeitos.

Ademais, os inqueridos apontaram que a pedagogia de Simão Toko é “igualitária e

fraterna”. No entanto, entende-se, porque a prática educativa de Toko não discrimina, não se fundamenta na cor, raça, religião ou etnia, mitigando qualquer ato que fomenta a exploração e estigmatização social. Neste caso, é também uma pedagogia de amor, de empatia e respeito pela humanidade das pessoas. Em suma, é a pedagogia da dignidade da pessoa humana.

Ademais, olhando para os resultados, sem ser absoluto ou totalizante, mas sempre com algum relativismo, porque a ciência é dinâmica e falível, somos a realçar que as características apontadas pelos 83,8% dos inqueridos são significativas e suficientes para aferir a veracidade e confirmar a realidade do problema formulado, porque em nações onde as escolas são verdadeiramente democráticas, ensinam com emancipação, ou seja quem aprende não só reproduz, mas pode desenvolver uma mente liberta, cujo foco é reagir criticamente contra opressão, se tornando em modelos de democratização social.

Ademais, somos ainda reiterar que, se após a independência, “os Tokoistas sofreram até a exaustão pelo regime do Dr. Agostinho Neto, tendo em 1975, morto milhares de Tokoistas e até 1979, detido e maltratado Simão Toko, por mais de 15 ocasiões” (NUNES, opi. Cit., p.166) e, ainda assim, nos dias de hoje, além de outros partidos, o MPLA e o seu governo têm abertura dos Tokoistas, sem ódio, é porque Simão Toko, desenvolveu nos seus adeptos a pedagogia do amor e da verdadeira emancipação.

Outrossim, não menos importante, os 16,1% das respostas incorretas, demonstraram até um certo ponto uma insuficiente preparação sobre pedagogia democrática e domínio sobre o Tokoísmo, porque Simão Toko, é um dos pioneiros nacionalistas angolanos, senão o mesmo o primeiro, por começar em 1949, com um nacionalismo de oposição a colonização.

3.2. Rejeição da pedagogia democrática de Simão Gonçalves Toko por parte do Colono e pelo governo de Angola independente em 1975

Entretanto, dos 62 inqueridos, 50 apontaram corretamente para as opções “uma sangrenta guerra de libertação”, “uma educação opressora”, “guerra civil” e “censura as liberdades”, totalizando 80, 6%. De igual modo, 12 dos inqueridos apontaram incorretamente para “coabitação entre brancos e pretos” e libertação mental”, perfazendo 19,3%.

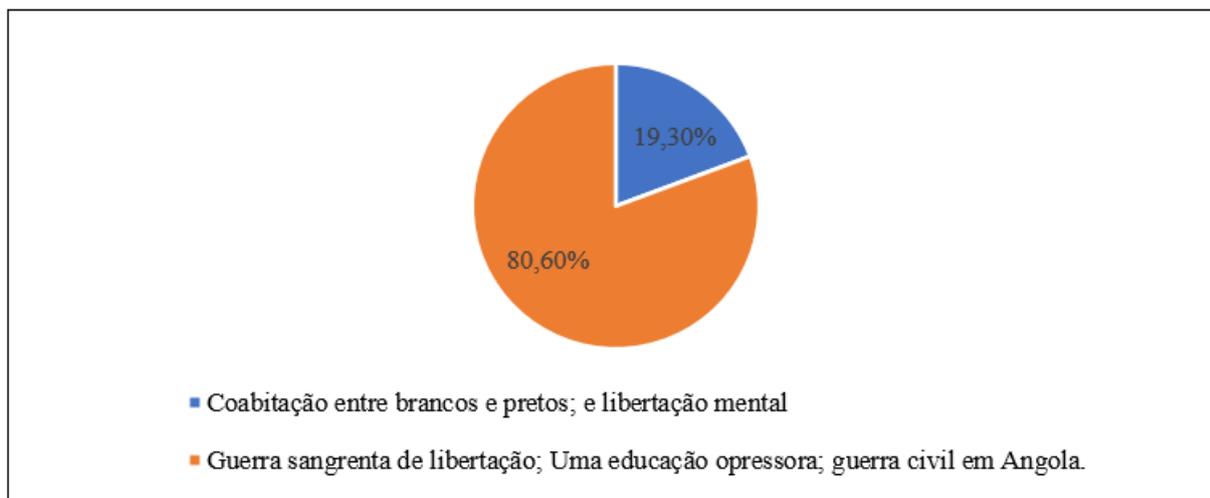


Gráfico 2: Percentagem das respostas inerentes às consequências da rejeição da Pedagogia democrática de Simão Gonçalves Toko de 1938 a 1975

Fonte: o autor, 2024.

No entanto, os resultados do inquérito nesta questão são também satisfatórios, porque os inqueridos apontam primeiramente para “uma guerra sangrenta de libertação”, como consequência da rejeição da proposta pedagógica democrática de Simão Toko, por parte do Colono. Neste sentido, somos a realçar que se colono, aceitasse o projeto de Toko, talvez a libertação de Angola teria sido pacífica, porque de 1938 a 1961, seria suficiente para reduzir os níveis de frustração social dos angolanos por conta da exclusão, por meio de uma educação emancipadora, inclusiva, igualitária e fraterna, na qual, o negro estaria social e politicamente em pé de igualdade perante os brancos.

Portanto, se nos objetivos educacionais autoritários do colono, estavam elencados o tipo de cidadão que Estado precisava, importa realçar que na reação violenta do preto contra o Colonialismo, estava, também, o tipo de ser que o próprio colono laboratorizou - oprimido e com desejo de vingar sua dor, pois, na educação violenta do opressor, estava a gestação da resposta violenta do oprimido.

Razão pela qual, a postura violenta dos angolanos no 4 de fevereiro e o 15 de março de 1961, bem como, toda guerra de libertação, além de ser consequência da rejeição da proposta educativa democrática de Simão Toko, é também, resultado da violência do colono. Por isso, não foi uma agressão por parte dos negros, mas uma resposta ou reação a agressão dos brancos, tal como aprenderam durante o Colonialismo com a postura agressiva do colonizador.

Só para perceber a discriminação eivada no sistema educativo colonial, sobretudo, para uma estrutura política que imperava há quase 5 séculos em Angola, até 1975, data da

independência, só havia 22 licenciados e um Professor Doutor³, demonstrando não só a fragilidade da educação colonial, mas o propósito da tal educação, pois, para o colono na época, quanto menos negros ilustres, maior seria a facilidade de oprimi-los e mantê-los submissos.

Outrossim, tal como os inquéritos, entendemos que a rejeição do projeto de Toko, fez-se até pelos seus compatriotas, sobretudo, Neto, Savimbi e Holden, que não aplicaram em prática os seus conselhos, optando pela “guerra civil” e, Neto enquanto Governo monopartidário, consolidou uma educação de construção de prosélitos ao regime e futuros defensores do Comunismo - a OPA, reprimindo dentro e fora do seu partido todos oponentes a tal ideologia. Com isto, mostrando a encarnação do colonizador, até contra aqueles que com ele lutaram pela liberdade. Este comportamento, foi resultado da educação social e escolar no contexto colonial.

Ademais, os outros 12 dos inqueridos, equivocaram-se ao apontarem incorretamente para “coabitação entre brancos e pretos” e “libertação mental”, porque a pedagogia colonial sendo ela opressiva, deixou muitas mágoas ao preto que até 1975, maior parte não desejava coabitar com os brancos, devido ao medo de nova vaga de opressão e ódio do colono, o que implica também a inexistência dos resultados da pedagogia democrática, porque nunca foi instituída.

Logo, o ódio que o colono canalizou ao preto durante os séculos de exploração, o preto também pretendia retribuir, tanto que, até os líderes que haviam casado com mulheres brancas, receberam uma certa rejeição e crítica do povo. Isso significa que a luta de libertação não foi suficiente para tirar o fantasma colonial da mente dos pretos até 1975, por isso, os oprimidos, encarnaram o opressor e passaram a agir tal igual.

Considerações finais

Os resultados obtidos consideram que Simão Toko é mentor de uma escola que funcionou como fábrica de democratização - o Tokoísmo, ou seja, aquela escola que respeita os direitos humanos, combatendo a opressão e qualquer forma de expressão da personificação do espírito colonizador.

Por outro lado, entendeu-se que a pedagogia dos tokoístas é inclusiva e pauta pela igualdade e fraternidade. Outrossim, que a libertação para Toko não é apenas se livrar do opressor, mas de todo espírito vingativo da opressão, para que, o libertador não venha se tornar igual ou pior que os seus detratores - colono.

³ Fernando José de França Dias Van-Dúnem, político e nacionalista angolano, nascido em Luanda, aos 29 de agosto de 1934.

Ademais, percebeu-se que na rejeição do referido projeto de Toko, por parte de certas autoridades políticas africanas que o conheciam, residia a opressão interna, porque eximiram-se de abraçar os conselhos democráticos do nacionalista angolano e líder dos tokoistas.

Outrossim, entendeu-se por meio da revisão e o inquérito, fruto da rejeição da pedagogia democrática de Toko, a luta anticolonial foi sangrenta, porque a opressão contida nas ações e escolas coloniais desenvolveu no oprimido o desejo de responder agressivamente contra a violência do opressor.

REFERÊNCIAS

ANGOLA. Constituição (2010). Constituição da República de Angola. Luanda: Assembleia Nacional, 2010. 180.p. Disponível em: <https://jurisprudencia.tribunalconstitucional.ao/wp-content/uploads/2022/02/Edicao-Especial-Atualizada-2022.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2024.

BIBLIA. Bíblia Sagrada Africana. Maputo: Paulinas, 2014.

CUNHA, Maria Isabel da.; LEITE, Denise Balarine Cavalheiro. Decisões pedagógicas e estruturas de poder na Universidade. Campinas: Papirus, 1996.

DOMINGOS, Sonakiesse André. O Fenomenal Profeta Africano: Simão Gonçalves Toco “Mayamona”. Kinshasa: CEDI, 2007.

DOMINGOS, Chiquito Afonso Fernando. CONTRIBUIÇÕES DO PROFETA SIMÃO GONÇALVES TÔCO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO EM ANGOLA DE 1937 A 1950. Revista técnico-científica Samayonga [recurso eletrônico]. Nº. 03 (DEZ. 2023). - Luanda.

FREIRE, Paulo. A Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FERREIRA, Cléria de Lourdes. O Tokoísmo como Elemento da Identidade Angolana (1950-1965). 2012. 149 f. Dissertação (Mestrado em História de África), Faculdade de Letras Departamento, Universidade de Lisboa: de História. Lisboa. 2012. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9427/1/ulfl127420_tm.pdf. Acesso em: 17 jun. 2023.

KISELA, Joaquim Albino. Simão Tôco: a trajetória de um homem de paz. Luanda: Outros Horizontes, 2013.

LEOPOLD, Mark. Sex, violence and history in the lives of Idi Amin: Postcolonial masculinity as masquerade. Journal of Postcolonial Writing, Vol. 45, No. 3, September 2009, p. 321-330.

MARGARIDO, Alfredo. A Revolução Congoleza: da aldeia à Etnia e ao Estado. Revoluções. São Paulo: Editora Três, 1974.

MASONGELE, Genick Mbaki. Imperialismo: do mundo para a colonização do Congo. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional), Fundação Universidade Federal do Tocantins. PALMAS, 2016.

NUNES, Afonso. Enciclopédia Tocoísta: Génese e identidade Doutrinária. Luanda: Acácia. 2018

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8633114.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2024.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em administração. Goiás: UFG, 2011.

PEREIRA, Adriana Soares, et al. Metodologia da pesquisa científica licenciatura em computação. Santa Maria, RS : UFSM, 2018.

PASCUAL, Jesus Garcia. Autonomia Intelectual e Moral como Finalidade da Educação Contemporânea. Psicologia Ciência e Profissão, 1999, 19, (3), 2-11.

RIBEIRO, Margarida Calafate. Patrice Lumumba: 60 anos depois. Bruxelas: Memoir, 2018.

ROCHA, Renzo Lima. Conselhos, assembleias e gestão colegiada: democracia se aprende na escola?. 2023. 204 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. Lisboa: UL, 2023.